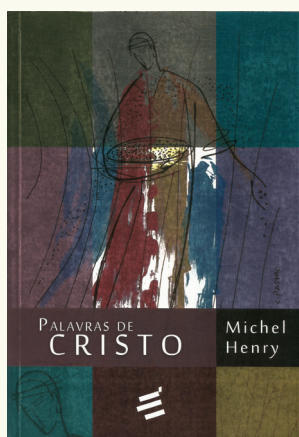


Palavras de Cristo

De: Michel Henry
São Paulo: É Realizações, 2013.

RESENHA | Luis Gabriel PROVINCIAATTO¹



Michel Henry (1922-2002) não é, ainda, um fenomenólogo que esteja nas primeiras referências de estudos acadêmicos, sobretudo, ao nível de graduação em Filosofia e Teologia. Contudo, isso não o torna menos importante nem sua escrita menos significativa perto de outros grandes fenomenólogos. Necessário ter em vista, desde o princípio, o caráter recente das obras de tal autor no Brasil, bem como de publicações póstumas na Europa, especificamente na França, seu país de origem. Há aqui algo bastante relevante para a leitura da obra: as peculiaridades da filosofia francesa que estão presentes no texto, tais como: preocupação com um método muito bem definido, típico do modelo cartesiano; temática relacionada com uma fenomenologia do corpo, algo presente já em Maurice Merleau-Ponty. Ao mesmo tempo, porém, percebe-se uma preocupação típica de Henry à subjetividade do homem e isso associado a uma denominação religiosa específica: o cristianismo.

O que vai garantir singularidade à obra de Henry é justamente essa ligação entre subjetividade, que deve ser preservada, com a leitura fenomenológica empregada ao cristianismo, especificamente nesta obra sobre as *Palavras de Cristo*. A partir disso, Henry retira uma premissa da teologia cristã: a dupla natureza de Cristo, sendo homem e Deus ao mesmo tempo; e propõe uma pergunta central, norteadora de toda a obra, a saber: “é possível, ao homem, entender o que lhe diz Deus?”.

Nesse sentido, segundo a visão do autor, é preciso estabelecer uma divisão metodológica para se chegar a uma resposta fundamentada para a questão levantada. Esta se configura numa análise das palavras de Cristo ditas enquanto homem, para os homens e numa linguagem tipicamente humana para lhes falar sobre a própria realidade humana e depois

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Rod. Dom Pedro I, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <lgprovinciatto@hotmail.com>.

Recebido em 31/3/2015 e aprovado para publicação em 18/6/2015.

na análise das palavras de Cristo que não dizem mais a respeito à condição humana, mas sim da própria condição divina daquele que lhes fala. Dessa forma, se assim se pode dizer, há dois momentos cruciais na obra a partir dessa divisão estabelecida acima. Para tal empreitada, Henry se utiliza de textos específicos retirados dos quatro Evangelhos que se encaixam dentro dos objetivos pretendidos; os mesmos aparecerão conforme a necessidade de citá-los a partir da presente apreciação.

Na primeira parte da obra, optou-se por nomeá-la dessa forma, existem outras divisões cruciais para o entendimento posterior dessa teologia fenomenológica empreendida por Henry: realidade externa (visível) e interna (invisível), genealogia natural e divina, palavra do mundo e palavra da vida; nesta última divisão que se dá a passagem da primeira para a segunda parte da obra, uma vez que mesmo Cristo, vivendo a realidade dos homens, suas palavras não têm linguagem do mundo, mas linguagem da Vida.

A distinção entre realidade interna e externa tem sua centralidade porque vai estabelecer, de acordo com as palavras de Cristo, o local da presença do mal, que tem atenção especial e posterior na obra de Henry. Interessante a passagem de Mt 15,17-20, na qual Jesus mostra que a impureza, a causa do pecado, se encontra no *coração* do homem. O significado do coração é bastante particular dentro do contexto cristão e bíblico: é o lugar das experiências próprias, do fazer a experiência de si mesmo. O único capaz de realizar esta experiência interna é o homem, pois isso caracteriza a experiência da vida. O eixo norteador da divisão interno/externo, visível/invisível recai sobre o próprio homem, dado que este faz parte tanto do mundo (realidade visível) quanto da vida (realidade invisível); este se mostra como uma materialidade carnal visível e invisível, sem ser paradoxal: a primeira representa justamente o corpo responsável pelo movimento externo e objetivo, a segunda designa aquela realidade efetiva, que dá significado e sentido à externa. O coração, de acordo com isso, é o responsável por fazer da realidade interna significativa. A distinção aqui proporcionada possui um alcance maior, pois ela se refere à subjetividade humana e não somente à objetividade na qual foi reduzido o corpo humano, fruto de um positivismo científico. As palavras de Cristo ditas aos homens a partir da realidade que lhes é própria chamam a atenção para não haver um “viver pelas aparências”, unicamente pela realidade externa.

A maneira mais trivial para se realizar isso é falar da realidade humana a partir daquilo que lhe é cotidiano, daí se entender a utilização de parábolas. As parábolas, de acordo com esta leitura, falam a partir de uma linguagem ordinária, a dos homens, sobre algo extraordinário, o Reino de Deus. Esse tema, o Reino de Deus, está explícito no texto das Bem-aventuranças encontrado nos sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas) e fala também da filiação divina: o laço que liga Deus e o homem não é o da reciprocidade vazia (fazer o bem àqueles que também me fazem), pois Deus não espera nada em troca a partir desse amor doado gratuitamente. Na verdade, é nessa “não reciprocidade” que a vida finita do homem se encontra com a infinitude divina, com a Vida geradora da vida. O que aqui está empregada é a mudança de uma genealogia natural por uma genealogia divina. Nota-se a presença da tese de que os homens são autenticamente filhos de Deus, no entanto há ainda outra tese: para que a genealogia divina seja comprovada é preciso que o homem conheça a Deus e, além do mais, o processo pelo qual está engendrado em tal genealogia.

A partir desse momento se inicia, de maneira seminal, a mudança da primeira para a segunda parte do livro: as palavras de Cristo passam a se justificar a partir do momento em que ele se identifica como sendo o Filho de Deus, logo Deus com o Pai. É interessante destacar a possível dificuldade de se compreender hoje em dia o que significou se declarar como o Filho de Deus numa sociedade essencialmente ditada pelas leis religiosas e que esperava o Messias profetizado. Justamente aqui que as palavras de Cristo passam a dizer sobre ele mesmo e sua condição divina na tentativa de se justificar como sendo Filho de Deus.

A partir desse ponto há uma preferência pelo Evangelho de João, sobretudo ao prólogo ali presente. Isso se justifica porque tal Evangelho também trata da realidade dos homens, mas de maneira diferente: o próprio texto se coincide com o movimento comprobatório da filiação divina de Cristo. Isso fica mais evidente a partir da afirmação: “também o Pai que me enviou dá testemunho de mim” (Jo 5,37): a autenticidade das palavras de Cristo não vem de nenhum homem, como pretendia a lei dos fariseus, mas do próprio Cristo, Verbo de Deus. O que leva Cristo a desconsiderar a lei humana não é presunção, pelo contrário: é o reconhecimento de sua condição divina encarnado na humanidade, sabendo de sua procedência e da verdade contida em sua mensagem.

A centralidade dada ao Evangelho de João permite estabelecer a última divisão: palavra do mundo e palavra da vida. A linguagem do mundo se refere às coisas do mundo, porém é incapaz de criá-las, logo há somente uma descrição da realidade externa ao homem. A palavra do mundo, então, fala sobre algo que lhe é exterior, isto é, que não é si-mesma. Faz-se notar, mesmo que superficialmente, uma crítica à filosofia da linguagem que toma somente a teoria referencial como válida. A inconsistência da “palavra do mundo” está no fato de acreditar na existência de somente tal tipo de linguagem, ou seja, a única realidade existente é a do visível e do descritível. Por outro lado, a palavra da vida é sempre verdadeira, pois se revela a si mesma. Isso se justifica porque a vida, que vive na Vida, é autorrevelativa, se revelando tal como é, não podendo enganar ou ainda se apresentar senão de acordo com sua própria realidade. Henry destaca relação entre Verdade e Vida conferindo-lhe o caráter fundamental e originário no cristianismo. Cabe agora justificar por que Cristo é essa palavra da vida.

O prólogo de João se utiliza da assertiva: “Deus é Vida”. Nela não está implicada a questão acerca da existência ou não de Deus; parte-se logo para a caracterização daquilo que Deus é. Vida e Verbo se identificam em Deus, pois Deus se revela em seu Verbo e este não vem depois da Vida, são consubstanciais e acontecem ao mesmo tempo. O Evangelho de João, então, mostra como se deu essa unidade entre Cristo e o Pai: resultado de uma imanência recíproca em virtude da qual o Pai está no Filho e vice e versa. Como define Henry, tal unidade não é extática, mas sinal extremo da violência do amor entre eles. No mesmo Evangelho que vai se encontrar o mandamento do amor, com o qual é possível estabelecer o paralelo: desfrutar de si mesmo no outro simboliza o amor ao próximo como a si mesmo, amar o próximo é amar a si mesmo, é se identificar com ele. É justamente o que acontece entre o Pai e o Filho. A autorrevelação da Vida absoluta se dá em Cristo e o conhecimento de Deus também. Indo mais adiante: o conhecimento que Deus tem de si mesmo é o Cristo encarnado. Com isso se mostrou a centralidade do Evangelho de João no processo de autorrevelação de Cristo.

Partindo para os dois últimos capítulos da obra, Henry volta a se centrar numa parábola, essencial para a compreensão das demais, a “parábola do semeador”. Tal texto vai ajudar também na compreensão de um tema apontado logo no início: a presença do mal no coração dos homens.

De maneira muito breve, a semente que caiu nas pedras diz respeito aos homens que passaram a desacreditar em Deus a partir da ação de outros homens. O foco, porém, está na semente que caiu nos espinhos. Nota-se, aqui, uma preocupação ontológica, uma vez que o autor francês apresenta como o homem deposita sua confiança no mundo e se esquece de Deus. Isso denota um fechamento para Deus e uma visão do homem sobre si mesmo como sendo autossuficiente, doador da própria vida, dos próprios poderes. Pode-se afirmar que o mundo em si não é mal, uma vez que é criatura de Deus; o que torna a realidade do mundo má são as ações que os homens têm; o trato idolatra com as coisas do mundo. Mas aqui cabe a seguinte questão: se o mundo, criado por Deus, em si não é mal, por que o homem seria, dado que este é gerado por Deus? A resposta está na possibilidade

de escolha que o homem tem, na consciência de si mesmo, logo é possível se fechar para Deus criador, negar a filiação divina e até mesmo a salvação trazida por Cristo.

Nesse aspecto, as palavras de Cristo também se voltam para aqueles que têm ódio à verdade, uma vez que a Luz ilumina as trevas e aqueles que estão nas trevas odeiam a Luz, pois ela revela a maldade que existe nos corações dos homens. A condenação, nesse sentido, vem do próprio coração do homem. Deve-se entender isso a partir do ponto de vista apresentado por Henry: aquele que não crê está fechado em si mesmo e não consegue enxergar a Verdade trazida por Cristo. A salvação não é imposição divina. Aqui se deve retornar para a possibilidade do homem ouvir a palavra de Deus: as palavras dos homens não são somente palavras do mundo, elas falam sobre a vida também, logo se identificam com as palavras de Cristo nesse aspecto de falarem sobre algo em comum; é possível ao homem ouvir a palavra da Vida, pois este foi gerado a partir de tal palavra. Destarte, é preciso destacar: “a palavra da vida é inaudível. Ninguém nunca ouviu o modo como se ouve um ruído do mundo, um som que nele ressoa” (HENRY, 2014, p.147). Esse trecho resume a principal diferença entre ouvir a palavra do mundo e a palavra da vida, além de responder categoricamente à pergunta empreendida no início da obra. Dessa maneira, sim é possível ao homem ouvir a palavra de Deus, da Vida, pois ele, homem, foi gerado a partir dela.

O autor vai destacar, por último, que as palavras de Cristo possuem caráter de ação, daí entender por que nas Escrituras não é necessário o toque para a realização dos milagres. São palavras-ação e não palavras-palavras, na qual o próprio dizer já é um fazer. O caráter da ética cristã se molda a partir disso: um fazer e não simplesmente um dizer.

Por fim, é possível notar na obra aqui resenhada algumas características tipicamente filosóficas e outras teológicas. É inegável a presença de um método de análise da escola francesa, visando estabelecer perguntas e inúmeras divisões ao longo do percurso para depois construir uma resposta estruturada. Chama-se a atenção, também, para algumas questões que se fazem presentes em outras escolas filosóficas, por exemplo, a alemã: o tema da ontologia, de uma experiência de Deus nos moldes fáticos, a preocupação constante com a questão de “mundos”. Junto a isso se encontram temas possíveis de serem abordados, mas não o são: como o da graça divina diante da situação de pecado do homem. Tudo isso pode conferir, para os mais desatentos, um caráter superficial à obra *Palavras de Cristo*, de Michel Henry. Algo que ela não é. Deve-se ter em mente que esta obra é posterior a outras do mesmo autor (entre elas: “*Eu sou a Verdade: por uma filosofia do cristianismo*” e “*Encarnação: uma filosofia da carne*”), nas quais temas aqui simplesmente apontados se encontram presentes de maneira pormenorizada.